

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE NATAL
CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

CLÁUDIA DA SILVA

ENSINO RELIGIOSO E LITERATURA:
UMA ABORDAGEM A PARTIR DA OBRA O PEQUENO PRÍNCIPE

NATAL-RN

2015

CLÁUDIA DA SILVA

ENSINO RELIGIOSO E LITERATURA:
UMA ABORDAGEM A PARTIR DA OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE*

Monografia apresentada junto ao curso de Ciências da Religião da UERN na área de ciências humanas, como requisito final à obtenção de título de licenciatura.

NATAL-RN

2015

Cláudia da Silva

Ensino Religioso e Literatura:
Uma abordagem a partir da obra *O Pequeno Príncipe*

BANCA EXAMINADORA

Prof. José Carlos Filho
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
(Orientador)

Prof.^a. MS Maria Augusta Torres
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte-UERN
(Examinadora)

Prof. Dr.Daniel de Brito
Universidade estadual do Rio Grande-UERN
(Examinador)

Natal, 26 de janeiro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus criador por dar-me forças para lutar dia a dia em busca das minhas conquistas.

Aos meus filhos por me incentivar, apoiar sempre na minha caminhada de estudos, sendo pacientes comigo, pois muitas vezes me ausentei deles, por está envolvida em meus trabalhos acadêmicos.

Aos professores, pela paciência comigo e pelos ensinamentos.

Aos amigos que contribuíram com essa minha árdua caminhada, sendo eles: Joana Darck Costa, Geraldo Luiz, Hélio Soares, Otávio Vieira, Gerciane Correia, minha prima Dorinha pelas orações e palavras de conforto.

“O essencial é invisível para os olhos”.

Antonie Saint-Exupéry

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade contar de maneira breve a história do ensino Religioso na educação brasileira, desde a chegada dos jesuítas no Brasil até os dias atuais e mostrar como esse ensino pode ser feito a partir do estudo dos eixos temáticos propostos nos parâmetros curriculares nacional do Ensino Religioso interdisciplinando com a obra de Saint Exupéry, o Pequeno príncipe, desenvolvendo uma pedagogia lúdica despertando ao educando para a vivência de valores essenciais a vida.

Palavras-chaves: Ensino Religioso, Eixos Temáticos, Conteúdo Pedagógico, Lúdico, Valores.

ABSTRACT

This work is intended to tell briefly the history of Religious education in Brazilian education since the arrival of the Jesuits in Brazil to this day and show how this teaching can be done from the study of the themes proposed in the national curriculum guidelines Religious Education interdisciplinary with the work of Saint Exupéry, the Little prince, developing a playful pedagogy awakening to the student to the experiences of core values to life.

Keywords: Religious Education, Main Themes, Pedagogical Content, Playful, Values.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1. O SURGIMENTO DO ENSINO NO BRASIL	11
1.1 O ENSINO RELIGIOSO no Período Monárquico.....	11
1.2. O ENSINO RELIGIOSO no Regime Republicano.....	12
1.3. O ENSINO RELIGIOSO na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB.....	14
CAPÍTULO 2: OS EIXOS TEMÁTICOS DO ENSINO RELIGIOSO	16
2.1. A Organização dos Eixos.....	16
2.2 O Tratamento Didático dos Eixos.....	18
CAPÍTULO 3: A LITERATURA E OS CONTEÚDOS DO ENSINO RELIGIOSO NA OBRA O PEQUENO PRÍNCIPE	20
3.1 A Literatura no ENSINO RELIGIOSO.....	20
3.2. Análise da Obra com base nos Eixos temáticos do Ensino Religioso	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
A Contribuição da Obra o pequeno príncipe para a prática docente no ENSINO RELIGIOSO.....	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

O presente trabalho com o tema “Ensino Religioso e Literatura: uma abordagem a partir da obra *O Pequeno Príncipe*” discorre sobre a importância da literatura no processo de Ensino Religioso, disciplina integrante do sistema de ensino brasileiro, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96, modificada pela Lei 9475/97).

A preferência pelo tema se deu em razão da percepção dos conteúdos da disciplina do Ensino Religioso presentes na obra *O Pequeno Príncipe*, criada pelo escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, em 1943. Tais conteúdos tratam-se dos eixos temáticos do Ensino Religioso, quais sejam culturas e tradições religiosas, escrituras sagradas, teologias, ritos e ethos. De alguma forma, alguns desses eixos se encontram mais explícitos no enredo do que outros, mas sempre despertando a curiosidade e o interesse pela leitura da obra. Tal fato permitiu a construção deste trabalho, e assim problematizar o estudo, com o intuito de contribuir para com os processos de ensino, no que diz respeito à prática pedagógica da disciplina Ensino Religioso em sala de aula.

Comparando com as demais disciplinas que compõe a grade curricular do ensino fundamental, no Ensino Religioso, o professor pode achar que não dispõe de muitas opções de literaturas que tratam especificamente dos eixos da disciplina a serem trabalhados em sala de aula. Essa possibilidade de limitação deve constituir, evidentemente, um dos problemas da matéria em questão. Nesse caso, cabe ao docente se valer da sua criatividade e habilidades do ofício, buscando alternativas em literaturas afins – se ele estiver motivado para o trabalho -, o que demanda esforço e tempo.

O exame do presente trabalho converge nesse sentido, ou seja, apontar as qualidades da obra *O Pequeno Príncipe* como um potencial recurso pedagógico para se trabalhar em sala, o conteúdo do Ensino Religioso. Além de constituir uma das obras da literatura estrangeira que alcançou um status invejável – clássico lido até hoje em diversos países -, *O Pequeno Príncipe* responde bem ao gosto do leitor, nesse caso, aluno do ensino fundamental. Isso é providencial, considerando essa faixa etária, onde a literatura deve corresponder ao grau de dificuldade do educando.

No caso da obra em foco, o enredo se desenvolve em forma de diálogo com linguagem simples e de fácil compreensão, acompanhado de ilustrações, o que, de certo modo, despertam a imaginação do aluno.

Quanto à justificativa, importa ainda dizer que o Ensino Religioso tem seu desafio, enquanto parte integrante do processo educacional, buscando novos fundamentos para responder as questões existenciais do ser humano, dando coerência às percepções de mundo. Um mundo, cuja convivência seja respeitosa, com valorização das diferenças, Nesse sentido, é oportuno à iniciativa de se trabalhar os valores do homem na escola, espaço de convivência e da presença da diversidade cultural e das tradições religiosas.

Nesse contexto, o trabalho pedagógico com a obra literária em apreço pode se constituir uma excelente oportunidade de enaltecer os valores subjetivos do ser humano, como pessoa em formação. Estão presentes de maneira explícita, o respeito, a ética, a solidariedade, o amor, a compaixão, a amizade, a tolerância e outras virtudes da personalidade humana. Em termos da existência e destino do ser humano nas diferentes culturas, a obra também abraça tal abordagem. Da mesma forma, revela o transcendente, os mistérios que circundam a vida. Mostra os aspectos simbólicos resguardados em cada personagem, enfim, a obra contém todos os eixos organizadores do conteúdo do Ensino Religioso, que se adequadamente trabalhados, pode-se chegar aos objetivos de um novo fazer pedagógico, tendo em vista a formação integral do cidadão.

Os objetivos deste trabalho, de modo geral, consistem em apresentar os valores subjetivos do ser humano, explícitos na obra *O Pequeno Príncipe*, como contribuição para uma proposta pedagógica no Ensino Religioso. Desdobram-se também os objetivos em apresentar o contexto histórico e as mudanças porque passou o Ensino Religioso no Brasil, além de Identificar os eixos temáticos desse ensino, e ressaltá-los como conteúdo primordial, na medida em que se trabalha a literatura na referida disciplina.

No primeiro capítulo aborda-se um breve histórico do Ensino Religioso, desde sua origem dada no Brasil Colônia até os dias atuais. Nesse percurso se apresentam as mudanças pelas quais o referido ensino passou, até chegar à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB. Segue-se o segundo

capítulo com a discussão sobre o conteúdo pedagógico do Ensino Religioso compreendendo a Organização dos eixos e o tratamento didático que se devem dar aos mesmos. E dentro do terceiro capítulo, a literatura no Ensino Religioso, e a descrição e análise da obra *O Pequeno Príncipe*, a partir dos conteúdos temáticos desse ensino. Chega-se às considerações finais, onde se aprestam os resultados do presente trabalho, sendo sinalizadas algumas sugestões, respondendo as possibilidades e hipótese levantadas inicialmente.

Em relação à metodologia, a mesma se deu através de pesquisa bibliográfica (livros, revistas e internet). Nessa tarefa, também foram realizadas consultas de trabalhos congêneres de colegas e autores diversos. Soma-se, finalmente, muito embora de forma empírica, os fatos da vida real observados pela aluna, autora desta monografia, o que contribuíram para a formulação de hipóteses e questionamentos de interesse do trabalho.

CAPÍTULO 1. O SURGIMENTO DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL

1.1 O Ensino Religioso no Período Monárquico

Foi por volta do ano de 1549, com a chegada das missões jesuíticas ao Brasil, surgem com elas às catequeses, processos de doutrinação da fé católica. Mais tarde, tais instruções tomaram outro rumo, evidentemente, mas foram, portanto, confiados aos jesuítas à missão de transmitir os ensinamentos religiosos aos nativos das terras brasileiras.

No momento em que se deu a colonização do Brasil, o regime monárquico detinha todos os poderes sobre a metrópole, sobre a igreja e, essa por sua vez tinha poder sobre o Ensino Religioso, sendo assim, todos os ensinamentos de fé que os colonizadores tinham eram transmitidos aos nativos. Nesse entendimento afirma Torres: “Práticas e costumes de um povo totalmente diferente dos habitantes da nova terra, agora fazia parte da vivência diária daquele povo que eram submetidos a abrir mão da fé e costumes religiosos que tinham em razão da exigência dos colonizadores” (TORRES, 2012, pág. 23).

A partir de então se deu o início a implantação do Ensino Religioso no Brasil a igreja, instituição aliada ao regime monárquico, era quem comandava os ensinamentos. Até então a ideia de Ensino Religioso em escola não existia. O Ensino Religioso propriamente dito só se consolida de vez nas escolas a partir do decreto lei de nº 2006 de 24/10/1857, que regulamentou os colégios públicos de instrução secundárias no município da corte, como explicam Torres (2012, p.24).

Mais tarde o termo Ensino Religioso foi empregado pela primeira vez, constando no projeto da forma da instituição pública de Leôncio de Carvalho, nº 7247 de 19/04/1879, com o seguinte dispositivo: “Art.: 4: O Ensino Religioso nas escolas primárias de primeiro grau do município da corte constará das seguintes disciplinas: Instrução Moral, Instrução Religiosa, Leitura, Escrita [...]”. (TORRES, *ibidem*). Como se verifica, o Ensino Religioso ainda permanecia vinculado aos ensinamentos da doutrina cristã nas escolas. Essa situação se prolongou pelo período de quatro séculos, sendo dado a sua descontinuidade após o advento do período republicano, proclamado em 1889.

1.2 O Ensino Religioso no Regime Republicano

Com a implantação do regime republicano no Brasil dar-se início as discussões sobre a inclusão ou exclusão da disciplina de E.R nas escolas da rede pública. Foi também durante o período republicano que aconteceram as assembleias constituintes, nas quais já se discutiam a questão do Estado Laico, numa perspectiva de se ter a liberdade religiosa que até então não se tinha.

Fortalecidos pelas ideias do liberalismo e positivismo, os republicanos foram influenciados com tais mudanças, o que contribuiu com o rompimento do Estado e a igreja, encerrando assim o regime do padroado, por meio do decreto de nº 119 "A" de 07 de janeiro de 1890. Com a criação artigo 72, parágrafo 6º da Constituição da Republica, incluem o princípio da laicidade do ensino, com o seguinte dispositivo: "será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos." (TORRES, 2012, pag.25).

Durante muito tempo o ensino religioso vem sofrendo mudanças, sempre com fortes discussões, e mais uma vez um decreto de 30 de abril de 1931. Admite a disciplina nas escolas da rede oficial em horário escolar, porém de maneira facultativa.

"O ensino religioso será de frequência facultativa e ministrada de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno manifestada pelos seus pais ou responsáveis e constituirá matérias do horário nas escolas públicas primárias, secundárias profissionais e normais" (SCAMPINI, 1978, p. 169).

Mas tarde surge a implantação do regime liberal com a Carta Magna de 1946, promulgada em 18 de setembro deste mesmo ano. A mesma tratava da liberdade religiosa para os cidadãos, como direito de crer e expressar seu credo religioso publicamente, bem como a liberdade de realizar cultos em público, fato esse que até então não poderia acontecer, sob pena de punição. Nesse sentido, o artigo 168, inciso v. assegurou essa nova mudança, assim afirmando:

"O ensino religioso constitui horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa, do aluno manifestado por ele, se for capaz ou pelo seu representante legal ou responsável [...]." (TORRES, *ibidem*)

Durante o quarto período republicano, o golpe militar de 1964, que teve duração de vinte anos, a educação sofreu vários retrocessos. O Ensino Religioso mais uma vez sofreu mudanças, ficando assim obrigatório às escolas de 1ª e 2ª graus, podendo o aluno optar pela preferência ou não, no ato da matrícula. Já no quinto período republicano, ou seja, do ano de 1985 aos dias atuais, outras mudanças são instituídas no Ensino Religioso, de modo que é notório ao longo da história do Brasil, desde a época da colonização, onde atuaram os jesuítas, até hoje, percebe-se a preocupação da igreja e o governo com relação ao Ensino Religioso, o que fica evidente é que, em cada período da história do Brasil o Ensino Religioso passa por adaptações.

Com o fim do regime militar, uma assembleia nacional constituinte foi instalada no Congresso Federal, no ano de 1987, sendo promulgada, em 05 de outubro do ano seguinte, a atual constituição que, por meio do artigo 210, parágrafo 1º, capítulo III da seção I, que trata da educação, assegura: "O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas do ensino fundamental". (BRASIL, 1988).

1.3 O Ensino Religioso na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394, de 1946), regula a educação brasileira, tratando-se dos seus princípios e fins, do direito à educação e do dever de educar, da organização da educação nacional, dos seus níveis e das modalidades de ensino, dos profissionais da educação e dos recursos financeiros,

Para efeito deste estudo, importa dar ênfase ao artigo 33, que faz parte da seção III (Do Ensino Fundamental). O referido artigo trata do Ensino Religioso que estabelece:

“O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural, religiosa do Brasil, vedadas quaisquer forma de proselitismo.” (SENA, 2007, p.71).

Como se verifica, a matrícula para o Ensino Religioso não é obrigatória. Porém, ressalva-se que as escolas, através da sua rede de ensino, têm a obrigação de ofertar aos interessados, alunos do ensino fundamental. Como o próprio artigo estabelece o Ensino Religioso. “é parte integrante da formação básica do cidadão”

Por sua vez, “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania...” (art. 22). Ela é ainda composta pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Então, percebe-se a importância desse estudo, por constituir a formação comum do cidadão, e como tal, indispensável para o exercício da cidadania. Em síntese, eis que o Ensino Religioso evoluiu em termos de responsabilidade social, saindo do aparato religioso para se constituir agora responsabilidade do Estado.

Chama-se atenção à referida legislação, o trato dado ao currículo (art. 26), que deve ter base nacional, “a ser complementada por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura...” (BRASIL)

(LDB, art. 26). Aqui sinaliza a preocupação com a diversidade cultural do País, o que é preciso que o professor fique atento a esse detalhe, nas ocasiões do planejamento de suas atividades pedagógicas.

Outro dispositivo que merece notoriedade neste tema, ainda no contexto da educação básica, como estabelece a LDB, e ainda o que diz respeito aos conteúdos curriculares, é o tratado do artigo 27, inciso I: “a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática.” (BRASIL, LDB, art. 27).

Nos dois parágrafos anteriores se verificam demandas também de responsabilidade do Ensino Religioso, quando especificam os cuidados para com a diversidade cultural e os valores fundamentais. “Para constatar tal observação, basta voltar ao artigo 33 da referida Lei, ao orientar que seja”. “Assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo”.

CAPÍTULO 2. OS EIXOS TEMÁTICOS DO ENSINO RELIGIOSO

O presente capítulo vai discorrer sobre os eixos temáticos, sendo dois subtópicos, onde o primeiro cuidará da organização desses eixos, e o segundo do tratamento didático dispensando aos mesmos.

2.1 A Organização dos Eixos

Como se viu nos tópicos anteriores, do surgimento do Ensino Religioso no Brasil até os dias atuais, este ensino sofreu grandes mudanças. Hoje, em respeito à diversidade cultural do País e à pluralidade das tradições religiosas presente nele, as mudanças avançaram, e, portanto, não é possível retroceder o debate. Por lei está preservado o Ensino Religioso laico, sendo, desse modo, vedada quaisquer formas de proselitismo.

A pluralidade da cultura brasileira e das tradições religiosas está presente na escola. Essa complexidade constitui desafios ao Ensino Religioso, no que diz respeito também ao seu arcabouço curricular. Imagina-se como fora difícil responder a questão de como organizar uma estrutura de ensino que seja próprio da disciplina, mas que também contemple a essa pluralidade? Como montar seus conteúdos? Quais os critérios a serem adotados para responder a tal demanda desse ensino? Conteúdos?

Para tais questionamentos, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso, orientam que os critérios devem seguir os blocos de conteúdos, compostos por temáticas relacionadas à Cultura e Religiões, Escrituras Sagradas, Teologias, Ritos e Ethos.

O critério que agrupa Culturas e Religiões busca estudar o fenômeno religioso à luz da racionalidade, incluindo "... função e valores da tradição religiosa, relação entre tradição religiosa e ética... existência e destino do ser humano nas diferentes culturas." (PCN/ER, 2006, p. 33). Os conteúdos deste eixo permeiam a filosofia, a história, a sociologia e a psicologia no contexto da tradição religiosa.

O critério seguinte trata das Escrituras Sagradas e, Corresponde aos textos reveladores da fé dos seguidores, proveniente do Transcendente, conforme se acredita. A partir dessas revelações, o homem toma conhecimento do mistério da

vida e morte, constituindo o ensino, a pregação, a exortação e os estudos mais aprofundados, permitindo, dessa forma, a elaboração das tradições religiosas. Seus conteúdos passam pela revelação, a partir da experiência mística, histórias das narrativas sagradas, contexto cultural e análise e hermenêutica dos textos sagrados (exegese).

Teologias constitui outro critério para os conteúdos do Ensino Religioso com base nas orientações do referido PCN/ER, trata do “conjunto de afirmações e conhecimento elaborados pela religião e repassados para os fies sobre o Transcendente, de modo organizado ou sistematizado.” (PCN/ER, 2006, p. 35). Seus conteúdos abordam o estudo das divindades, verdades de fé e vida além-morte.

Outro critério que se estabeleceu para a organização dos conteúdos do Ensino Religioso foi os Ritos. Trata-se de práticas próprias constituintes das cerimônias religiosas, englobando os rituais, os símbolos e espiritualidades, que são seus conteúdos para o estudo em apreço.

Finalmente o critério Ethos completa o bloco dos conteúdos do Ensino Religioso, diz respeito à moral humana, que se manifesta a partir da percepção dos valores. Está vinculado à consciência do proceder a ético, que vislumbra a crítica e a utópica. A primeira pondera as atitudes humanas, e a segunda projeta o “ideal normativo das realizações humanas.” (PCN/ER, 2003, p. 37).

2.2 O Tratamento Didático dos Eixos

A despeito da legislação que estabelece restrições ao Ensino Religioso, espera-se uma melhor atuação dos profissionais da área, em termos de posicionamento ético, ou seja, de profissionalismo, visto que ainda é possível observar métodos confessionais e dogmáticos aplicados em sala de aula, o que é lamentável.

É preciso que o professor seja comprometido com os avanços conquistados pelo Ensino Religioso, dando o devido tratamento didático à matéria. Isso exige do professor atualização do seu conhecimento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso orientam que:

“A abordagem didática se dá numa sequência cognitiva, possibilitando a continuidade das aprendizagens que deve considerar:

- a bagagem cultural religiosa do educando, seus conhecimentos anteriores;
- a complexidade dos assuntos religiosos, principalmente devido à pluralidade;
- “a possibilidade de aprofundamento.” (PCN/ER, 2006, p.39).

Nesse sentido, Fernandes (2000, p. 38) preocupada com a qualidade do Ensino Religioso, orienta que o professor tenha especialidade nessa área de conhecimento, com formação crítica e socialmente comprometida com as mudanças da realidade social, e que deva usar linguagem, método e meios de aprendizagem que estejam em consonância com a aprendizagem escolar.” (FERNANDES, 2000, p. 39).

Ainda reportando aos preceitos orientadores dos PCN/ER, é oportuno destacar:

“Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar as diferentes culturas e grupos que a constituem”. Como é marcada pelo preconceito, um dos grandes desafios da Escola é conhecer e valorizar a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade brasileira. O Ensino Religioso não foge a essa regra. Aprendendo a conviver com diferentes tradições religiosas, vivenciando a própria cultura e respeitando as diversas formas de expressão cultural, o educando está também se abrindo para o conhecimento. “Não se pode entender o que não se conhece.” (PCN/ER, 2006. P. 39).

Implica ser ético para o ofício de educador. Tratar didaticamente os conteúdos do ensino em questão requer que se proceda tal exame de consciência. Em um

recorte da obra *O Pequeno Príncipe*, no diálogo com o encantador viajante, o rei argumenta: “Tu julgarás a ti mesmo... É bem mais difícil julgar a si mesmo que julgar os outros. Se conseguires fazer um bom julgamento de ti será um verdadeiro sábio” (SAINT-EXUPÉRY, 2003, p. 33).

Nesses termos, percebe-se a conjugação da citação com o recorte da obra em destaque, quais seja o problema dos preconceitos nas relações sociais, a valorização do indivíduo, saber conviver em grupos com respeito às diferenças. Para tanto, como ressalva Exupéry, é preciso proceder ao exame de consciência de si mesmo. E nesse contexto ético reside também uma das preocupações do Ensino Religioso.

O saudoso educador Paulo Freire também faz referência à ética, nos processos de ensino. “Estar longe, ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão.” (FREIRE, 1996, p. 33). Então, ensinar pressupõe atitude ética. E no E.R., matéria que lida com valores da pessoa, não pode se dar o luxo de transgredir tal virtude.

CAPÍTULO 3. A LITERATURA E OS CONTEÚDOS DO ENSINO RELIGIOSO NA OBRA “O PEQUENO PRÍNCIPE”.

Neste capítulo tratar-se-á da relação entre a literatura de uma forma geral, bem como os conteúdos do Ensino Religioso, a partir da análise da obra O Pequeno Príncipe, sendo dado um enfoque para cada um dos eixos temáticos do Ensino Religioso, relacionando-os com a obra de Exupéry, e apontando assim a sua contribuição para os saberes docentes afim.

3.1 A Literaturas no Ensino Religioso

A literatura apresenta-se de várias maneiras, seja num poema, num romance, e, tem a finalidade de recriar a realidade a partir da visão de um determinado autor. (o artista), com base nos seus sentimentos, seus pontos de vistas e suas técnicas narrativas.

Nem todo texto, nem todo livro são de carácter literário, segundo José Nicolau (1998). O que torna um texto literário é a função poética da linguagem que “ocorre quando a intenção do emissor está voltada para a própria mensagem, com as palavras carregadas, de significados.”.

Nicolau afirma que nem o aspecto formal é significativo na composição de uma obra literária, como também o seu conteúdo. No Ensino Religioso a literatura trás a sua contribuição, possibilitando assim ao docente planejar aulas. Se forem lúdicas, possibilitam o envolvendo da turma. Sim, pois numa perspectiva de atrair a atenção do aluno para uma prática diversificada, a partir da leitura, espera-se melhor participação e interação da turma com o professor em sala.

Além disso, trabalhar literatura no Ensino Religioso é fazer interdisciplinaridade, o que contribui para a socialização e um estudo integrado. A literatura bem trabalhada em sala poderá promover uma visão crítica do educando, no ponto de vista de conhecimento de mundo. Com dinâmicas apropriadas, o professor poderá se utilizar da literatura, para formar rodas de leitura, produção e interpretação de textos, além de introduzir outros recursos como poesia, filme, desenho etc..

Pela leitura o homem tem acesso ao conhecimento. Este constitui atributo da cultura, pela a qual viabiliza a vida em sociedade. Como afirma Paulo Freire: “aprendeste a ler na prática da leitura” (FREIRE, 2008, p. 56). Sendo assim, a leitura é vista como um processo de construção que exige determinados comandos em nosso cérebro. Comando este que para nos possibilitarem a efetivação da leitura, devem ser ativados com agilidades, sendo eles sofisticados e treinados com a própria prática de leitura.

Isso corresponde a dizer que o exercício da leitura deve ser um processo dinâmico e contínuo, a fim de possibilitar ao leitor a compreensão da realidade em que o mesmo está inserido, entendendo que o mundo se encontra em mudanças permanentes. Em termos didáticos, o ensino deve ter bases teóricas, mas associadas à experiência do aluno, ou seja, que tenha um reflexo sobre a realidade do aprendiz, não distorcendo do seu cotidiano.

Nesse processo de apropriação do conhecimento, pela prática da leitura, variam-se os métodos. Questionam-se as formas tradicionais implementadas pela Pedagogia Tradicional, por não possibilitarem o desenvolvimento da autocrítica do educando, o que compromete a proposta de uma educação inovadora. Nisso concorda Libâneo:

“Muitos professores ainda acham que ‘partir do concreto’ é a chave do ensino atualizado. Mas esta ideia já fazia parte da Pedagogia Tradicional porque o ‘concreto’ (mostrar objetos, ilustrações, gravuras etc.) serve apenas para gravar na mente o que é capturado pelos sentidos. O material concreto é mostrado, demonstrado, manipulado, mas o aluno não lida mentalmente com ele, não o repensa, não o reelabora com o seu próprio pensamento. A aprendizagem, assim, continua receptiva, automática, não mobilizando a atividade mental do aluno e o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais.” (LIBÂNEO, 1994, p.64).

Essa forma tradicional de se utilizar a literatura nos processos educacionais também não coaduna com o propósito deste trabalho. Ao contrário dessa Pedagogia tradicional criticada por Libâneo, a proposta de ensino aqui apresentada busca a interação professor/aluno, considerando o segundo como sujeito da aprendizagem. Nesse processo o professor trabalha como mediador, oportunizando ao aluno as condições propícias para assimilação do conhecimento, mediante suas experiências, interesses e necessidades.

A literatura, nesse caso, será uma das ferramentas que, indubitavelmente deverá ser disponibilizada para uso do aluno em sala. Em se tratando do E.R., e na ocasião em que se trabalha o conteúdo ethos, por exemplo, explicito na obra *O Pequeno Príncipe* constitui uma oportunidade excepcional para provocar a reflexão da turma, em torno dos valores humanos e sua complexidade nas relações sociais. Através da leitura da referida obra, que por sinal é de linguagem simples, o aluno será capaz de mergulhar no mundo da imaginação, mas com possibilidades de comparar esse mundo imaginário com a realidade percebida e vivenciada por ele. Aqui entra a habilidade, o compromisso e o interesse do professor. Na linha da Pedagogia Tradicional, a realidade é a do professor, o que inibirá o debate provocador. Ao contrário desta, a prática didática proposta pelo trabalho em curso proporcionará ao aluno a curiosidade para outro olhar sobre a sua realidade.

No contexto da pedagogia renovadora, o uso da literatura no Ensino Religioso, nesse caso, a obra “O Pequeno Príncipe”, pode proporcionar a autonomia do aluno, enquanto sujeito em formação, e com isso, transformá-lo em cidadão autocrítico. A obra sendo bem trabalhada, no contexto do ethos, levará ao questionamento do aluno, comparando o mundo real com o ideal. Nesse processo o sonho por uma sociedade de valores humanos, certamente estará mais presente nas elaborações cognitivas do aluno. O que o professor deve fazer como explica Libâneo, é compartilhar o momento instigante e lúdico na sala de aula. E afirma o autor:

Não se trata apenas de aprender fazendo, no sentido de trabalho manual, ações de manipulação de objetos. “Trata-se de colocar o aluno em situações em que seja mobilizada a sua atividade global e que se manifesta em atividade intelectual, atividade de criação, de expressão verbal, escrita, plástica ou outro tipo.” (LIBÂNEO, 1994, p.65)

Todo esse exercício tem como objetivo exercitar o aluno a uma prática de atividades intelectual que o ajude a aprender a ser, fazer e conviver.

3.2 Análises da Obra com base nos eixos temáticos do Ensino Religioso

Para a compreensão dos tópicos deste subcapítulo, convém que antes se proceda a uma breve narrativa da obra *O Pequeno Príncipe*.

Trata-se de uma obra que procura mostrar as mudanças de valores, ensinado como é enganosa a avaliação que se faz das coisas, circunstâncias e pessoas que estão em relações. O narrador tem suas próprias experiências traumáticas, na época de criança, quando não consegue representar um elefante engolindo uma jiboia, através de um desenho. Aos olhos dos adultos, o desenho tem outra configuração, ou seja, apenas um chapéu.

Decepcionado, o narrador decide mudar de vocação, não mais desejando ser pintor, mas piloto de avião. E numa das viagens sobre o deserto, à aeronave desaba.

. Na tentativa de consertar o motor, o narrador se depara com um menino estranho, que vivia sozinho num planeta pequeno e, a partir daí, inicia-se o diálogo, estabelecendo a relação entre os dois personagens.

Feito essa breve introdução sobre a obra, neste tópico pretende-se analisar o enredo, nos trechos em que se podem extrair referências que dizem respeito aos conteúdos de cultura e tradições religiosas. São fragmentos textuais que implicam em princípios de vida, modo de pensar, crenças e conhecimentos vinculados ao fenômeno religioso.

No primeiro capítulo da narrativa, percebe-se a descrença do narrador quando criança, em relação a sua vocação para a pintura. Em virtude de uma frustração – ninguém compreendia seu desenho - o homem decide ser piloto de avião. E assim, passa a acreditar na sua capacidade de abraçar o novo ofício. Muda-se a cultura do agir no mundo. Um novo pensar com a assimilação de novos conhecimentos dá ao homem a capacidade de interagir com a realidade adversa.

Por outro lado, ao cair no deserto, o piloto se depara com o mistério: a aparição de um menino estranho. É a presença do extraordinário, tão comum nas tradições religiosas. “Olha para essa aparição com os olhos arregalados de espanto” (SAINT-EXUPÉRY, 2003, p. 10). Aqui o piloto dá início a um diálogo provocador, permitindo-se interagir com o inacreditável, ao mesmo tempo em que exercita sua capacidade de ouvir e reagir, pacientemente, às insistências do príncipezinho.

Nesse fragmento, fazendo um comparativo com o fenômeno da penitência presente nas tradições cristãs, pode considerar situações semelhantes, levando em conta o sacrifício de suportar a tarefa de satisfazer o desejo imposto, ou o compromisso de atender determinado pedido, em situações adversas.

A morte também é um tema de preocupação da obra em discussão. Nesse caso, ela se representa em várias situações no enredo. Por exemplo, no perigo que os baobás constituem para o pequeno planeta do príncipezinho.

“Não gosto de assumir o tom de moralista, mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido e tão grande são os riscos para aquele que um dia se perdesse num asteroide que, ao menos uma vez, abro exceção e digo: ‘Crianças!’ Cuidado com os baobás!’ (SAINT-EXUPÉRY, 2003, p. 20).

Em outro momento, a obra trata a morte de forma mais direta:

“Naquela noite, não o vi partir”. Saiu sem fazer barulho. Quando consegui alcança-lo, ele caminhava decidido, num passo rápido. Disse-me apenas:

- Ah! Aí estás...

E segurou min há mão. Mas preocupou-se de novo:

- Fizeste mal. Tu sofrerás. Eu parecerei estar morto e isso não será verdade...

Eu me calara.

- Tu compreendes. É muito longe. Eu não posso carregar este corpo. “É muito pesado.” (SAINT-EXUPÉRY, 2003, p. 74).

Nas tradições religiosas a morte é um mistério que provoca medo. Para umas tradições, é o desfecho final da vida. Para outras, é a passagem para uma nova dimensão. O fenômeno acompanha a existência de todas as civilizações. Por trás da morte, há nos vivos o sentimento de tristeza e dor. É possível imaginar tais sentimentos no fragmento da obra *O Pequeno Príncipe*, exposto acima, o que confere à referida literatura sua excepcionalidade, e a qualidade de ser utilizada nos processos pedagógicos do Ensino Religioso.

O eixo Escrituras Sagradas corresponde aos textos que transmitem as revelações do sagrado aos seres humanos. Tais fenômenos decorrem da fé dos seguidores, e são passivos de ensino, pregação, exaltação e estudos aprofundados.

“Essa elaboração se dá no processo de tempo-história, num determinado contexto cultural [...]” observando e respeitando a experiência religiosa dos ancestrais. (PCN/ER, 2006, p. 34).

Na relação com o pequeno príncipe, o narrador vai tomando conhecimento de algumas revelações que tratam do fantástico mundo do estranho viajante. Vai tornando-se sabedor dos detalhes da própria vida, vista agora com simplicidade. A experiência com o pequeno príncipe proporciona ao piloto uma reflexão acerca da realidade, e a partir disso, passa a ser um novo homem.

“Ah! Pequeno príncipe, assim eu comecei a compreender, pouco a pouco, os segredos da tua vidinha. Durante muito tempo não tiveste outra distração a não ser a doçura do pôr-do-sol.” (SAINT-EXUPÉRY, 2003, p. 21). Quanto mais novidades são reveladas ao narrador, maior é a sua surpresa e o seu encantamento pela vida, que se apresenta renovada. E tais revelações decorrem do cultivo da amizade com o pequeno príncipe.

Esse recorte da obra em foco revela o quanto o mistério pode se constituir de forças devocionais, e a partir daí, gerar a submissão e a absoluta obediência, numa relação de conteúdo sagrado, envolvendo o homem e a sua dimensão transcendental. Tal fenômeno não é diferente, quando se trata de escrituras sagradas. Eis, portanto, um ponto de convergência entre o fragmento textual e o eixo do E.R. em destaque neste capítulo. E continua Saint-Exupéry, nos parágrafos finais da sua obra:

“Eis aí um grande mistério”. Para vocês, que também amam o pequeno príncipe, como para mim, todo o Universo fica diferente se em algum lugar, que não sabemos onde, um carneiro, que não conhecemos, comeu ou não
uma rosa...

Olhem para o céu. Pergunte a si mesmo: O carneiro terá ou não comido a flor?

“E verão como tudo fica diferente (SAINT-EXUPÉRY, 2003, p.76-77)”.

Teologias, conjunto de conhecimentos elaborados pelas tradições religiosas. Na obra O Pequeno Príncipe esse, contudo, não se encontra tão explícito, mas é possível identificá-lo, quando se focaliza as verdades de fé no texto, bem como a ancestralidade e vida depois da morte.

“Então, tu também vens do céu”! De que planeta tu és?

Vislumbrei um clarão no mistério da sua origem e perguntei repentinamente:

- Tu vens então de outro planeta?"

O diálogo acima é um fragmento da obra em debate. Como se observa, trata-se de duas pessoas, onde uma dá sinais de ser um extraterrestre. Essa possibilidade de existência de outros planetas habitados é aceita por algumas tradições religiosas entre as quais, a doutrina espírita. Não há, pelo o que se sabe, comprovação científica sobre tal possibilidade, constituindo, portanto, uma verdade de fé, fundamentada na "lógica" da teologia da referida doutrina.

Outra passagem que se pode extrair análise do conteúdo teológico da obra *O Pequeno Príncipe*, vem da esperança de vida pós-morte, expressa pelo narrador ao final do enredo:

"E se passarem por ali, eu lhes peço que não tenham pressa e esperem um pouco bem debaixo da estrela! Se, de repente, um menino vier ao encontro de vocês, se ele rir, se tiver cabelos dourados, se não responder quando for perguntado, adivinharão quem ele é. Façam, - me então um favor! Não me deixem tão triste: escreva-me depressa dizendo que ele voltou." (SAINT-EXUPÉRY, 2003, p. 78).

Nesse recorte é possível constatar, mais uma vez, o conteúdo Teologias, ao se tratar da continuidade da vida depois da morte, como apregoa diversas tradições religiosas. A partir desse ponto, se pode abrir o debate sobre o tema, observando e respeitando a verdade de fé de cada indivíduo. Há pessoas que acreditam na reencarnação. Outras na ressurreição. E há aquelas que preferem desacreditar em toda a possibilidade de retorno à vida.

O que importa é tratar a questão, tomando o devido cuidado para que o debate não transgrida a liberdade de crença e a concepção de mundo, inerente a cada cidadão. No caso do E.R., tal conteúdo deve ser encarado sem proselitismo, como apresentado anteriormente.

"Mas, se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar meu coração... É preciso que haja um ritual." (SAINT-EXUPÉRY, 2003, p. 58). A citação revela o quanto se encontra explícito o conteúdo "Ritos" na obra *O Pequeno Príncipe*. Depois do "Ethos", o eixo que trata dos rituais é o mais evidente.

Nesse conteúdo que se referem às práticas celebrativas das tradições religiosas, se incluem como já dito, os rituais, os símbolos e espiritualidades. A obra é rica nesses aspectos, uma vez que demonstra em várias ocasiões, o príncipezinho manifestando algumas práticas comuns em seu planeta.

“- Que é um ritual”? – perguntou o príncipezinho.

- É uma coisa muito esquecida também – disse a raposa. – É o que faz com que um dia seja diferente dos outros; uma hora, das outras horas. Os meus caçadores, por exemplo, adotam um ritual. Dançam na quinta-feira com as moças da aldeia. A quinta-feira é então o dia maravilhoso! Vou passear até a vinha. Se os caçadores dançarem em qualquer dia, os dias seria todos iguais e eu nunca teria férias! (“SAINT-EXUPÉRY, 2003, p. 58).”

O diálogo prossegue entre o príncipezinho e a raposa. Aqui o animal revela as vantagens do ritual para a sua vida, quando explica os motivos das suas férias. Mostra como o ritual faz diferença na vida.

Trata-se de um livro que tem resistido ao tempo, espaço e movimento sociais. A apresenta um estilo aparentemente voltado para apenas o público infantil, mas, que por outro lado percebe-se num texto totalmente reflexivo, podendo assim contribuir para uma reflexão do ponto de vista dos ensinamentos desta obra. *O Pequeno Príncipe* é um dos livros mais traduzidos e vendidos do mundo perdendo apenas para a bíblia e o alcorão. Um livro com temáticas bem comuns às vivências diárias do homem em seu meio social.

A sensibilidade que Antonie de Sant- Exupéry utiliza ao narrar à história fabulosa tem como objetivo passar ensinamentos morais de uma maneira lúdica. Os planetas encontrados em cada uma das viagens do pequeno príncipe possuem moradores, ou seja, personagens que fazem lembrar atitudes do comportamento humano.

Cada personagem encontrado no percurso da viagem do príncipezinho tem um caráter a ser observado. Essa fábula se analisada do ponto de vista crítico, nos leva a reflexão filosófica a cerca da melhor maneira do homem viver e conviver em sociedade. A obra apresenta verdadeiros valores cujos mesmos os seres humanos devem preferir buscar para seu dia a dia. O príncipezinho ao falar de sua flor afirma que “Devia tê-la julgado pelos atos e não pelas palavras” (SAINT-EXUPÉRY, 200,)

P.(27). Ser nos atos que encontramos a verdadeira essência do outro, cada imagem, cada personagem no livro tem seu significado.

O capitalismo é tratado na obra a partir das histórias do acendedor de lâmpadas que representa o homem e sua alienação pelo trabalho, pelos negócios, a obra nos faz refletir sobre o que é viver de verdade, o que de mais importa no mundo, somos tão pragmáticos que não percebemos os verdadeiros valores humanos que cada um deve priorizar. Perde-se tempo com tantas coisas seculares que se esqueceu das coisas mais simples do dia a dia que proporciona melhor qualidade de vida, mais do que qualquer riqueza.

O livro procura mostrar os riscos que corremos pela aventura. “a gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixou cativar”... (SAINT-EXUPÉRY, 2003, p. 68). A raposa, personagem da obra diz uma das frases mais perfeitas da história. “tu te tornas eternamente responsáveis por aquilo que cativa”. (SAINT-EXUPÉRY, 2003, p. 60). Mesmo sabendo que morreria a raposa não via nisso um motivo para tristeza.

Para tanto ao finalizar, pode-se afirmar que para cada leitor dessa obra, a resposta e o entendimento presente-se de forma diferente, podendo assim cada um tirar suas próprias conclusões e compreensão do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Contribuições da Obra *O pequeno príncipe para pratica docente no ensino religioso*.

Os valores são conhecimentos de um conjunto de normas que cada tradição religiosa apresenta para os seus fieis do ponto de vista de suas culturas. Na educação, considerando o Ensino Religioso desvinculado de credos religiosos, confessionais e despojado de todo tipo de proselitismo, tais valores preconizam o ensino laico. Este se desenvolve em bases plurais, cuja diversidade cultural deve ser presente constante nos processos educativos.

Todavia, não basta que se normatize o ensino laico, mas importa protagonizar ações pedagógicas que o viabilizem na prática. A pouca criatividade ou desinteresse total do docente na dinâmica do E. R., carecendo, por exemplos, de literaturas específicas, que fomentem a imaginação do aprendiz, no contexto da disciplina, pode constituir outra limitação para o alcance dos objetivos do E.R..

É provável que esse fato ocorra também em outras disciplinas, mas o atributo ethos é de especialidade do E. R., e como tal, implica diretamente na formação do caráter do indivíduo. E aqui se encontra a importância das práticas adequadas deste ensino, em termos de recursos pedagógicos, ou seja, a escolha de literaturas apropriadas pode contribuir substancialmente no desempenho do aluno, propiciando a ludicidade, o interesse, a imaginação e o seu engajamento nos processos de aprendizagem.

No trabalho em pauta se propõe utilizar a literatura *O Pequeno Príncipe*, como instrumento coadjuvante na pedagogia do E.R., em virtude de constituir uma alternativa apropriada para se trabalhar os eixos temáticos da referida disciplina. Portanto, nessa obra é possível perceber, de maneira explícita, os valores humanos debatidos na educação, como a ética, o respeito, o amor, a amizade, a solidariedade etc.

Espera-se que esse esforço tenha, de fato, alcançado seus objetivos. Que em termos de prática pedagógica venha ser útil, no sentido de enriquecer as alternativas para o docente da área do E.R., bem como proporcionar ao educando momentos de reflexão, tendo em vista suas atitudes enquanto cidadão em formação.

Nesse sentido, sugere-se a discussão da matéria, a partir do planejamento pedagógico, com a efetiva participação do docente licenciado na Disciplina em apreço. Essa providência pode seguramente contribuir para com um bom plano de aula, e dessa forma, sistematizar essa iniciativa.

Sugere-se que o plano de aula inclua a leitura da obra aqui estudada, para assim ser debatida e trabalhada, de forma lúdica, com a participação da classe. Além disso, a obra pode explorar as diversas potencialidades do educando, como o desenho, a poesia, o exercício da oralidade, a interpretação e produção de textos, além doutras.

Ressalva-se, nesse contexto, a preocupação do docente voltada para o eixo temático ethos, o que consagra a iniciativa em trabalhar os valores éticos e morais, a amizade, a solidariedade, o amor, o respeito e tantas outras virtudes contextualizadas.

Finalmente considera-se que as proposições do presente trabalho não se constituem um modelo acabado de última geração, em matéria de Ensino Religioso, no que diz respeito aos planos de aula e práticas pedagógicas eficientes. O intuito vai na direção de apenas contribuir com a tarefa do educador, promovendo a reflexão sobre o tema aqui discorrido, tendo em vista o avanço do processo de formação do cidadão, papel que a educação não pode se eximir, e especialmente o E.R, quando a ele é também responsabilizado o cuidado de educar cidadãos eticamente críticos, sob o respaldo dos valores humanos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei Darcy Ribeiro. LDB/Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 2001.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSOS. Parâmetros Curriculares Nacionais/Ensino Religiosos. São Paulo: Ave Maria, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa/ Paulo freire. - São Paulo: paz e terra, 1996 (coleção leitura).

IERNANDES, Maria Madalena. Afinal, o que ensino religioso. São Paulo: Paulus, 2000.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. Normas da ABNT. Curitiba: Juruá, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática/José, Carlos Libâneo. –São Paulo; Cortez, 1994. - (coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

MARCHIORI, Marcelo. Uma breve análise sobre o Pequeno Príncipe. Disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/overblog/uma-breve-analise-sobre-o-pequeno-principe>

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, 1990-1994 o pequeno príncipe. /Antoine de Saint-Exupéry; com Vânia Maria Resende organização da coleção. 1. Ed. Rio de Janeiro; Agir 2003. -(Literatura em minha casa: V.4classicos Universal)

SENA, Luzia (org.). Ensino religioso e formação docente: ciências da religião e ensino religioso em diálogo -2. Ed.- São Paulo: Paulinas, 2007.

TORRES, Maria Augusta de Sousa. Ensino Religioso e Literatura: um diálogo a partir do poema Morte e vida Severina/ Maria Augusta de Sousa Torres. —Recife FASA, 2012.